

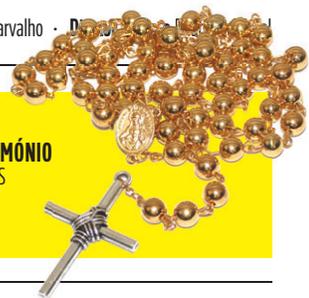
Grátis hoje
POSTER DA ASCENSÃO



TERÇOS DE FÉ

OFERTA PAGELA + BOLSA

TERÇO DO MATRIMÓNIO POR APENAS + 5,95€



● Marrocos e Tunísia recebem produção de empresas portuguesas ● Patrões queixam-se da escassez de operários qualificados Páginas 4 e 5

Falta de trabalhadores leva têxtil para África

Jornal de Notícias

BRAGA 1-1 F. C. PORTO P. 45 e 46

Tropeção no Minho

Dragões empatam e ficam a três pontos do líder Benfica. Brahimi expulso do banco em mais um jogo com arbitragem polémica



André Silva entrevistado por miúdos
"Não tenho medo de águias nem de leões"



Apresentamos as contas a quem temos de apresentar"

Carlos Cabecinhas
Reitor do Santuário de Fátima P. 10



NOTÍCIAS MAGAZINE

LENA D'ÁGUA E SALVADOR SOBRAL A UMA SÓ VOZ



Meia Culpa Dois condenados licenciaram-se na cadeia

Páginas 18 e 19

Lisboa e Funchal Três mortos por violência doméstica

Páginas 20 e 21

ALOJAMENTO AUMENTA 50% COM ENCHENTE DE VISITANTES



Sem-abrigo Mais de quatro mil à espera de plano do Governo

Páginas 8 e 9

Poupança Famílias perdem 2,8 mil milhões com descida dos juros

Página 6

Publicidade

JÁ ABRIU!
EM FRENTE AO HOSPITAL S. JOÃO



Farmácia
São João

COMPRE COMODAMENTE SEM SAIR DE SUA CASA!
www.asuafarmaciaonline.pt

www.facebook.com/SuaFarmaciaOnline

365
dias/ano

ENTREGAS RÁPIDAS AO DOMÍLIO (Porto / Vila)

Primeiro Plano



Emprego

Modatex Treze mil formados em 2016

O Centro de Formação Modatex formou mais de 13 mil profissionais do têxtil, com enfoque na costura, em 2016. O número traduz-se em 1,2 milhões de horas de formação e é um recorde absoluto com taxa de empregabilidade “elevadíssima”, sustenta o centro.

Homens Cada vez há mais na costura

Um dos fenómenos cada vez mais atuais no setor das confeções é a presença de homens. Ao contrário de outros tempos, os jovens do sexo masculino já frequentam as formações e estão a iniciar carreiras no setor da costura, confirma João Costa.

Indústria Marrocos e Tunísia recebem trabalho de empresas nacionais.

Escassez de qualificados afeta também mobiliário, calçado e metalurgia

Produção têxtil foge para África devido à falta de mão de obra

Delfim Machado
e **Roberto Bessa Moreira**
locais@jn.pt

► As empresas do setor têxtil estão a deslocalizar parte das confeções para países de África devido à falta de mão de obra. A carência de profissionais é um problema relatado por empresários, sindicatos e centros de formação. O problema, na indústria afeta também o calçado – apesar de este estar a conseguir minimizar os “estratos” –, o mobiliário e a metalurgia.

“Há, nos últimos tempos, insuficiência de mão de obra em todos os domínios, sobretudo de costureiras, no setor do vestuário”, resume João Costa, empresário e vice-presidente da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP), associação patronal nacional que agrupa 730 empresas. Como consequência da falta de costureiras, várias têxteis estão a deslocalizar parte das confeções para Marrocos, Tunísia, Cabo Verde e Roménia, com maior enfoque para a produção marroquina, devido à proximidade, estabilidade política e mão de obra excessiva.

A deslocalização “tem de acontecer, sob pena de se parar a produção”, acrescenta João Costa, um dos principais impulsionadores da Modatex, Centro de Formação Profissional do setor, que lançou um número recorde de formações em 2016. Porém, continuam a ser insuficientes para acompanhar as necessidades dos empresários.

A escassez de costureiras é justificada com os baixos salários e a intensidade produtiva, o que dá imagem negativa a esta profissão. E embora os ordenados tenham aumentado, concordam patrões e sindicatos, a fama pouco mudou. “São profissões que se tornaram pouco atrativas para os jovens, pouco dignificadas na progressão na carreira, salários, segurança e

No calçado, fábricas começam a apostar na deslocalização da produção para a Ásia

saúde no trabalho”, resume Manuel Freitas, da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Vestuário e Calçado (Fesete).

No caso do calçado, admite, há ainda fábricas a deslocalizar produção para a Índia, Vietname e Camboja, pese embora este seja “um problema europeu” e não apenas nacional. Com a falta de costureiras, as empresas “disputam as melhores” e isso reflete-se num aumento “de 150 a 200 euros” acima do salário mínimo.

Vale do Sousa precisa de 200

A zona do Vale do Sousa espelha bem o problema. As confeções, mas também as empresas da col-

choaria, radicadas em Paços de Ferreira e em Paredes, precisam de 200 costureiras. Mas, garante a Associação Empresarial de Paços de Ferreira (AEPF) e empresários contactados pelo JN, há pouca gente que queira a profissão. E nem ordenados de 900 euros são suficientes para atrair jovens à procura do primeiro emprego. As empresas lamentam, também, a falta de formação dos poucos candidatos. Uma lacuna que a AEPF quer colmatar com a cursos profissionais.

“Paços de Ferreira tem um problema grave. Não tem gente para trabalhar”, lamentou, recentemente, Rui Carneiro, presidente da AEPF. O dirigente associativo assegurou que faltam 200 costureiras para a confecção de sofás e estofos de cadeiras, atividade que cresceu 50% em Paços de Ferreira, e ainda para as empresas têxteis de uma região conhecida como Capital do Móvel, mas onde as confeções representam 30% das exportações e 90 milhões de euros.

Para responder ao problema da formação, a AEPF criou o Curso de Técnico de Costura Industrial. Foi o primeiro nos últimos oito anos. Porém, das 30 vagas, só 22 foram preenchidas e, após 200 horas de formação, apenas 18 formandas, como Rosalina e Matilde (declarações em cima), seguiram para estágio em empresas. “As perspetivas de trabalho são elevadas, já que as empresas que as receberam estão a contratar profissionais. A AEPF assegura aos formandos uma taxa de empregabilidade de 75%”. ●



Empresária lamenta falta de formação e de vontade de trabalhar

► Rosa Costa garante que na Dom Prato, confecção em Gandra, Paredes, não se paga somente o salário mínimo. “Se as funcionárias tiverem qualidade, são compensadas no ordenado”, assegura. Porém, nem assim esta empresa dedicada à produ-

ção de casacos, “quase toda para exportação”, consegue contratar os profissionais que necessita. “Temos 45 funcionárias, mas precisava de mais, desde que fossem boas trabalhadoras”, assume a responsável. Rosa diagnostica outros problemas: “Fal-

Deslocalizações Grupo da Zara é travão

Fator que está a condicionar uma maior deslocalização de confeções são as 10 semanas que as têxteis têm para concluir encomendas para a Inditex, grupo da Zara. A urgência torna impossível a deslocalização, obrigando a trabalho extra das costureiras nacionais.

Câmaras Combate ao estigma na agenda

Para reduzir o estigma das profissões relacionadas com o têxtil, os centros de formação têm feito parcerias com as câmaras municipais e deslocalizam as formações. Aconteceu com as autarquias de Lousada, Marco de Canaveses, Santo Tirso e Pinhel.



Formação cria esperança

“O curso foi útil. Estou a estagiar e a dona da empresa já disse que quer que eu fique aqui a trabalhar”

Rosalina Alves
Formanda do Curso de Técnico de Costura Industrial da AEPF

“Gostei do curso. Sinto-me com capacidade para fazer tudo e espero ficar onde estou a estagiar”

Matilde Carneiro
Formanda do Curso de Técnico de Costura Industrial da AEPF

Fábrica de estofos parada por não haver funcionários

MOBILIÁRIO No final do ano passado, Ricardo Leal investiu 1,7 milhões de euros na construção de uma nova unidade industrial para a produção de móveis. Agora, o dono da Ricardo Jorge Interiores, de Rebordosa, Paredes, queria criar uma segunda fábrica, de estofos, para responder a um número crescente de encomendas, mas não consegue pessoal. “Pretendia começar com cinco trabalhadores, mas não consigo empregar ninguém. Está tudo pronto e a nova fábrica só não arranca por falta de funcionários”, lamenta.

O jovem empresário revela que a maior dificuldade está na contratação de “operadores de CNC”, máquinas industriais com um elevado nível de computadorização, mas também “há falta de pessoal para todos os setores de uma empresa de móveis e de estofos”. Nos últimos meses, diz, “contratei 10 pessoas, mas precisava de mais sete ou oito. No entanto, demoro muito tempo a encontrar alguém com os conhecimentos que necessito”, acrescenta o mentor da empresa, que produz para os mercados interno e externo.



Ricardo quer fábrica de estofos para juntar à de móveis que possui em Rebordosa

Também Celso Lascasas afirmou, recentemente, ao IN que, “neste momento, há mais oferta do que procura” de emprego no setor

“Contratei 10 pessoas, mas precisava de mais sete ou oito”

do mobiliário. “Não há trabalhadores com a formação necessária. Na área dos estofos e da serralharia, o problema é ainda maior”, assegura o mentor da Las Kasas, design de interiores. Este empresário alega, ainda, que “os jovens não se sentem atraídos pelo trabalho manual”, o que o impede de contratar os “10 ou 15 bons profissionais” que necessita para as suas fábricas.

ROBERTO BESSA MOREIRA

Calçado investe no interior e na formação

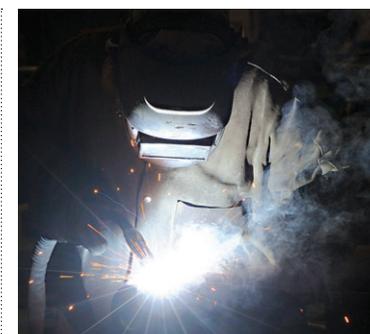
SOLUÇÃO Foi em 2009 que o setor do calçado começou a sentir dificuldades em encontrar mão de obra qualificada. Isto porque, desde então, as exportações aumentaram quase 60%, exigindo mais trabalhadores para o acréscimo de produção. Mas a indústria soube reinventar-se. Paulo Gonçalves, da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado (APICCAPS), sublinha que, em toda a fileira, o setor conseguiu criar mais de 9000 novos postos de trabalho.

A explicação é simples: deslocalizaram-se as fábricas para o interior do país, no sentido de colmatar a falta de mão de obra disponível nas cidades ligadas ao setor, e investiu-se na formação.

Encontrar costureiras e gaspeadeiras parece ser o mais difícil, muito porque a costura corresponde a 60% da linha de produção, esgotando facilmente a mão de obra existente. Mas é aqui que entra a Academia de Design e Calçado, com polos em São João da Madeira e em

Felgueiras, e com formação à medida.

Além da aposta da APICCAPS na comunicação para atrair jovens, a Academia procura junto dos centros de emprego captar desempregados que, não estando ligados ao calçado, possam fazer formação adaptada às necessidades das empresas. Recentemente, passou a ir às fábricas dar formação, designadamente àquelas que se deslocaram para o interior. É o caso da Carité, que em 2013 ampliou a produção para Celorico de Basto, formando 60 novos funcionários. “Ainda não é o ideal. Gostávamos de ter mais oferta para as empresas, principalmente para as áreas de produção”, afirma Eduardo Costa, diretor-geral da Academia. CATARINA SILVA



Metalurgia necessita de 4000 apesar de pagar melhor

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS Apesar de oferecerem o dobro do salário, quando comparados com o têxtil e calçado, há metalurgias que também não conseguem encontrar mão de obra qualificada para trabalhar. Há, no setor, um défice de quatro a cinco mil trabalhadores. A recente visita do presidente da Câmara de Famalicão à empresa TSE, de metalurgia de precisão, expôs uma realidade que os empresários daquele ramo têm vindo a constatar.

“A principal dificuldade é a falta de mão de obra qualificada, apesar de os vencimentos serem, pelo menos, o dobro do têxtil”, revela o administrador, Fernando Moreira. Aquela empresa fabrica máquinas e peças para indústrias de vários tipos. Produz maquinaria para encher os frascos de perfume de França, cria válvulas para controlar fluidos das centrais nucleares e peças para aviões da Airbus, exportando 90% da produção, com quantidades reduzidas de produtos, mas de alto valor acrescentado.

A Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal (AIMMAP) alerta que a metalurgia nacional tem um défice de quatro a cinco mil profissionais, entre operadores e técnicos especializados e outros perfis qualificados. O forte crescimento do setor e o preconceito em relação àquele trabalho são os principais motivos para a falta de profissionais.

DELFIN MACHADO



ta formação e vontade de trabalhar a quem se candidata a um lugar”. Sobretudo, explica, “nas funcionárias mais novas, que têm muita dificuldade em se adaptarem ao ritmo de trabalho”. Por outro lado, “a maioria que aqui chega não sabe fazer nada, não há formação suficiente para este setor”, acrescenta. Desse modo, o sucesso da empresa assenta nas colaboradoras que estão desde o início do projeto. “Se dependesse de novas funcionárias, a empresa já tinha fechado”, assume a empresária. R.B.M.